

O PROJETO FICCIONAL DE  
CLARICE LISPECTOR  
EM *UM SOPRO DE VIDA*  
(PULSAÇÕES): CONFRONTO  
DE SI MESMA

*THE FICTIONAL PROJECT OF  
CLARICE LISPECTOR IN UM  
SOPRO DE VIDA  
(PULSATIONS): CLASH OF  
HERSELF*

**Gilvone Furtado Miguel**  
(UFMT)<sup>1</sup>

Em cada palavra pulsa um coração.  
Clarice Lispector

**RESUMO:** Este estudo enfoca os aspectos específicos do ato criador edificados na obra *Um sopro de vida* (pulsações) (1999),

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); do curso de Letras/ICHS/ câmpus universitário do Araguaia – gilvone.fm@gmail.com

publicação póstuma de Clarice Lispector. O objetivo centra-se em revelar o texto como metalinguagem crítica da criação literária em que os elementos estruturais da narrativa tradicional são rompidos na tentativa de apreensão dos limites entre realidade e ficção. A opção de Clarice por criar um personagem escritor e, como artifício criativo, fazê-lo repetir a mesma forma de ficcionalizar uma personagem escritora, leva-nos à percepção de uma construção refletida, como num espelho, ou encaixe, em *mise-en-abyme* (DALLENBACH, 1979). Esse processo possibilita sentir a presença, a sombra identificadora da própria Clarice aparecendo ou se ocultando nas entrelinhas do textual. A procura constante da linguagem – traço marcante da produção clariceana – aparece aliada à busca do ser diante do dilema: vida e morte. Há intensa espiritualidade no intertexto bíblico que se estabelece amplamente na construção do texto, colocando a criação literária como uma questão vital: “O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever” (LISPECTOR, 1999, p.16).

**PALAVRAS-CHAVE:** Projeto criador. *Mise-en-abyme*. Escritor. Intertexto.

**ABSTRACT:** This study focuses on specific aspects of the Act creator’s work built *A breath of life* (pulsations) (1999), posthumous publication of Clarice Lispector. The goal focuses on revealing the text as metalanguage criticizes the literary creation of the structural elements of traditional narrative are broken in an attempt to seize the boundaries between reality and fiction. The option of Clarice for create a character, such as creative writer and artifice, make him repeat the same form of ficcionalizar a character writer, takes us to the perception of a building reflected as in a mirror, *mise-en-abyme* (DALLENBACH, 1979). This process makes it possible to feel the presence, identification of own shadow Clarice appearing or lurking between the lines of text. The constant demand of language – striking trait of production clariceana – appears together with the pursuit of being faced with the dilemma: life and death. There is intense spirituality in biblical intertext established widely in the construc-

tion of the text by placing the literary creation as a vital question:  
“the fatal result of I live is the act of writing” (LISPECTOR,  
1999, p. 16).

**KEYWORDS:** Project creator. *Mise-en-abyme*. Writer. Intertext.

A produção literária de Clarice Lispector, com peculiaridades inovadoras, confirma a sua posição de destaque, hoje já definitiva, na história da literatura brasileira, onde preenche um dos espaços mais representativos no universo ficcional.

Este estudo, embora tenha seu enfoque no texto base *Um sopro de vida* (pulsações), não deixa de se referir indiretamente ao conjunto das obras de Clarice Lispector, pois os aspectos específicos de seu ato criador foram edificados em sua produção anterior, uma vez que esta é uma publicação póstuma.

*Um sopro de vida* (pulsações) é ficção que se revela como uma metalinguagem crítica da criação literária em que os padrões estruturais da narrativa são rompidos pela autora, na tentativa de apreensão dos limites entre realidade e ficção, no instante da criação. A opção de Clarice por criar um personagem escritor e fazê-lo repetir a mesma forma criativa de ficcionalizar uma personagem escritora, leva-nos à percepção de uma construção refletida, como num espelho, em processo de *mise-en-abyme*. Este processo possibilita sentir a presença, a sombra identificadora da própria Clarice aparecendo ou se ocultando nas entrelinhas do textual.

A procura constante da linguagem – traço marcante na obra de Clarice Lispector – aparece em *Um sopro de vida* (pulsações) aliada à busca do ser diante do dilema: vida e morte, na intensa espiritualidade do intertexto bíblico que se estabelece amplamente na construção do texto, colocando a criação literária como uma questão vital: “O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever” (LISPECTOR, 1999, p.16).

A temática da obra clariceana, além da metalinguística sobre a problemática do fazer literário, abrange, também, questões relativas ao ser no questionamento existencial. A angústia profunda do ser transparece na linguagem em forma de interrogações que abrangem a expressão da expectativa em torno do mistério da morte, do desejo de viver, da experiência da criação e acompanham os questionamentos sobre o tempo, compondo o conjunto temático de *Um sopro de vida* (pulsações): “O tempo não existe. O que chamamos de tempo é o movimento de evolução das coisas, mas o tempo em si não existe” (LISPECTOR, 1999, p.14). Depreendemos do texto que o tempo não é feito pelo escritor, mas o tempo é cada instante apreendido pela palavra e ambos, tempo e palavra, são manipulados pelas sensações do escritor:

O pré-pensamento é em preto e branco. O pensamento com palavras tem cores outras. O pré-pensamento é o pré-instante. O pré-pensamento é o passado imediato do instante. Pensar é a concretização, materialização do que se pré-pensou. Na verdade o pré-pensar é o que nos guia, pois está intimamente ligado à minha muda inconsciência (LISPECTOR, 1999, p.18).

Clarice Lispector revela a consciência da linguagem se questionando diante do seu tempo, diante da fugacidade dos instantes que escoam, delineando o reflexo de uma consciência interrogativa que questiona aquilo que é sua própria criação, ou seja, o escrever: “Isto não é um lamento, é um grito de ave de rapina. Irisada e intranquila” (SV, p.13).

Extraímos dessas reflexões que escrever não pode se dissociar do tempo, por isso, seu texto reflete a tentativa de escrever o “instante-já”, a tentativa de revelar, por meio das palavras, a vida submersa nos fatos da realidade, no momento exato em que ocorrem. Ao ficcionalizar o processo criativo, ao “transferir para o campo da ficção a problemática da criação literária” (VIEIRA, 1998,

p.28), Clarice Lispector ficcionaliza a questão do emprego da linguagem para a captura do tempo:

Cada anotação tanto no meu diário como no diário que eu fiz Ângela escrever, levo um pequeno susto. Cada anotação é escrita no presente. O instante já é feito de fragmentos. Não quero dar um falso futuro a cada vislumbre de um instante. Tudo se passa exatamente na hora em que está sendo escrito ou lido (LISPECTOR, 1999, p.20).

Clarice Lispector mistura palavras para permitir que o tempo se faça e permitir, também, que a obra se faça ao surgir de alguém vivendo o tempo, vivendo as palavras, vivendo a realidade a cada instante que flui, vivendo a existência que e tempo e linguagem, que é criação para ser lida: “Enquanto escrevo pingam os minutos irreversíveis. É o tempo passando” (LISPECTOR, 1999, p.154). Viver a busca do instante, buscar a sua essência e, depois, questionar a si mesmo, questionar aquilo que se criou é questionar-se diante de sua própria criação engendrada num instante do tempo: “Mas na verdade trata-se de retratar rápidos vislumbres meus e rápidos vislumbres de meu personagem Ângela. Eu poderia pegar cada vislumbre e dissertar durante páginas sobre ele. Mas acontece que no vislumbre é às vezes que está a essência da coisa” (LISPECTOR, 1999, p.20).

Vemos nas primeiras páginas da obra, o esboço do projeto ficcional, do plano criador amadurecido, que será concretizado no corpo da obra. Concordamos com Ivo Luchesi (1987, p.50) quando diz ver *Um sopro de vida* (pulsações) como “o aperfeiçoamento do processo de criação a que se destinou Clarice Lispector”. Inferimos, pela leitura de suas obras, que Clarice reconheceu o ato criador como revestido por mistérios que ela buscava dominar e explicar pelo questionamento reflexivo:

‘Escrever’ existe por si mesmo? Não. E apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escrevo

sem saber como e por que – é por fatalidade de voz. O meu timbre sou eu. Escrever é uma indagação. É assim:?” (LISPECTOR, 1999, p.16).

Clarice Lispector inicia a narrativa dando voz ao Autor, seu personagem escritor, que faz meditações sobre o ato criador pela palavra, ou seja, o processo de escrever um livro; a criação literária ocupa o cerne da temática. As páginas iniciais, sem título, são uma espécie de prefácio feito pela própria autora, onde busca estabelecer uma conversa com o leitor. Ela segue justificando a postura que vai tomar em relação ao livro, em diversos aspectos – isto possibilita a introdução do leitor naquilo que ele vai encontrar no texto; o leitor é advertido, é avisado de que, também ele, deve tomar nova postura diante deste livro: “Não ler o que escrevo como se fosse um leitor. A menos que esse leitor trabalhasse, ele também, nos solilóquios do escuro irracional” (LISPECTOR, 1999, p.21).

O texto introdutório, altamente coeso, se distingue do livro em si, pois como o personagem Autor – e nele vemos a sombra de Clarice Lispector – confessa: “Este ao que suponho será um livro feito por destroços de livro” (LISPECTOR, 1999, p.20); e completa: “Esses fragmentos de livro querem dizer que eu trabalho em ruínas” (LISPECTOR, 1999, p.20). O leitor é encaminhado a conhecer, para poder acompanhar, o projeto ficcional da autora que usa “a personagem para realizar reflexões a respeito de si e do ato de criar” (VIEIRA, 1998, p.50): Eu queria escrever um livro. Mas onde estão as palavras? [...]Escrevo ou não escrevo? [...] Tenho medo de escrever. [...]. Este é um livro silencioso” (LISPECTOR, 1999, p.16).

O Autor, personagem-narrador, procura a sua verdade de ser e de escritor, enquanto busca uma linguagem que revele a essência do ser diante da certeza da morte: “Este livro é a sombra de mim” (LISPECTOR, 1999, p.13) e define a opção pelo contexto da ficção, ao criar a personagem, Ângela Pralini, um ser feito de linguagem, dando corpo ao processo de desdobramento de si:

O resultado disso tudo é que vou ter que criar um personagem – mais ou menos como fazem os romancistas. [...] Escolhi a mim e ao meu personagem – Ângela Pralini – para que talvez através de nós eu possa entender essa falta de definição da vida. [...] Também quero quebrar, além do enigma do personagem, o enigma das coisas (LISPECTOR, 1999, p.19).

O projeto ficcional exposto ao leitor se completa com a apresentação da estrutura a ser dada ao texto: o diário; mas, não um diário compreendido nos moldes tradicionais, datado e sequencial, e sim, a opção feita por estabelecer um diálogo entre os diários das duas personagens; diálogo feito de fragmentos, na relação espiralada em que se cruzam e intensificam o processo criador:

No entanto, sem dar maiores razões lógicas, eu me afeitei exatamente em manter o aspecto fragmentário tanto em Ângela quanto em mim. [...] Vejo que, sem querer, o que escrevo e Ângela escreve são trechos por assim dizer soltos, embora dentro de um contexto de ... [...] É assim que desta vez me ocorre o livro (LISPECTOR, 1999, p.20).

O mistério da criação clariceana, o seu modo singular de criar pela palavra, evolui para além das reflexões e questionamentos a respeito da linguagem, do tempo e do ser, alcançando a esfera da espiritualidade, com base na fé no divino criador e sustentador da vida: Deus. Em *Um sopro de vida (pulsações)* o ato de criação literária é comparado ao ato criador/fundador da vida no universo, como é descrito na Bíblia; o Autor se eleva ao nível de Deus quando cria sua personagem; assim como Deus, exercendo o mesmo poder de criação, o Autor, personagem-narrador de Clarice Lispector, inventa e dá o “sopro de vida” em Ângela, sua personagem, com quem dialoga. Sua criação extrapola os limites do literário e o Autor lhe dá corpo e alma: é um ser completo. A espiritualidade está presente em *Um sopro de vida (pulsações)* pela duplicação do diálogo em duas instâncias, ou seja: Autor/Ângela e Autor/Deus:

Foi Deus que me inventou e em mim soprou e eu virei um ser vivente. [...] E assim que recebi o sopro de vida que fez de mim um homem, sopro em você que se torna uma alma (LISPECTOR, 1999, p.28).

Estou esculpindo Ângela com pedras das encostas, até formá-la em estátua. Aí soprou nela e ela se anima e me sobrepuja (LISPECTOR, 1999, p.30).

No começo só havia a ideia. Depois o verbo veio ao encontro da ideia. E depois o verbo já não era meu: me transcendia, era de todo o mundo, era de Ângela (LISPECTOR, 1999, p.30).

No arroubo de leituras intertextuais, Clarice Lispector faz várias referências ao texto bíblico no último parágrafo do texto introdutório, sempre estabelecendo o intertexto da criação do seu “livro de vida” com a criação divina:

Quando acabardes este livro chorai por mim um aleluia. Quando fechardes as últimas páginas deste malgrado e afoito e brincalhão livro de vida então esquecei-me. Que Deus vos abençoe então e este livro acaba bem. Para enfim eu ter repouso. Que a paz esteja entre nós, entre vós e entre mim. Estou caindo no discurso? Que me perdoem os fiéis do templo: eu escrevo e assim me livro de mim e posso então descansar (LISPECTOR, 1999, p.21).

O sentido etimológico do nome da personagem Ângela, cuja origem remete a anjo, ser bíblico, reforça o intertexto em determinados trechos: “É com incontida alegria que estupefato vejo-a se erguer e voar com ruflo de asas” (LISPECTOR, 1999, p.27). Esta “incontida alegria” do Autor pode corresponder a: “E Deus viu que o que havia feito era bom” (Bíblia; Gn.1), numa atitude de satisfação e contemplação do bem criado. Entretanto, o “sopro de vida” é a marca linguística mais forte desta intertextualidade e nos mostra a consciência de Clarice Lispector sobre a criação: o sopro vital está nas mãos do criador. E o Autor repete a forma divina de

criar, também correlacionando à “Parábola do semeador” (Bíblia; Mt.13), que simboliza a criação da vida espiritual, da fé na palavra de Deus, pela metáfora da semente: “Ângela Pralini nasceu de uma semente antiga que joguei em terra dura há milênios” (LISPECTOR, 1999, p.30).

Clarice Lispector reforça o intertexto, também, no aspecto referente à solidão do Autor; estar só neste processo criativo é comparar-se à singularidade de Deus, que é único e só. Outro aspecto recorrente diz respeito ao fato de Deus ser considerado o “grande juiz”, que julgará a todos no dia do Juízo Final; assim se vê o Autor, juiz de profissão, que procura não exercer sobre Ângela, o seu julgamento: “Autor – [...] Eu (que tenho como emprego de ganhar dinheiro a profissão de juiz: inocente ou culpado?) procuro neutralizar o hábito de julgamento porque não agüento o papel divino de decidir. Libero Ângela, não a julgo – deixo ela ser” (LISPECTOR, 1999, p.54). O caráter de semelhança entre o ato criador de Deus e do escritor é admitida nesta colocação do Autor que clarifica o amplo intertexto: “O que nossa imaginação cria se parece com o processo que Deus tem de criar” (LISPECTOR, 1999, p.135), ou seja, a palavra é o elemento fundador.

Essa narrativa de Clarice Lispector é constituída de diversos instantâneos que o Autor faz de si mesmo e de Ângela, como pessoas e como escritores, entremeando estes instantâneos a alguns flagrantes do cotidiano; paralelamente, fluem, também, explicações e confissões sobre o ato de escrever, trazendo à tona o caráter reflexivo sobre o ato de manusear o material de que dispõem, e origem de tudo, a palavra. O Autor, personagem escritor, é encarregado de transmitir, de forma questionadora diante do leitor, o processo pelo qual se realiza uma ficção que inclui o próprio ato criador, a experiência vivida pelo autor ao elaborá-la, as oscilações entre um falar de si mesmo, o iniciar o livro e, até mesmo, a criação da personagem que também é escritora, dando feição ao processo duplicador dentro da obra:

Como começo? [...] E assim que recebi o sopro de vida que fez de mim um homem, sopro em você que se torna uma alma. Apresento você a mim, te visualizando em instantâneos que ocorrem já no meio de tua inauguração: você não começa pelo princípio, começa pelo meio, começa pelo instantâneo de hoje (LISPECTOR, 1999, p.28-29).

Autor – Vejo que Ângela não sabe como começar. Nascer é difícil. Aconselho-a a falar mais facilmente sobre fatos? Vou ensiná-la a começar pelo meio. Ela tem de deixar de ser tão hesitante senão vai ser um livro todo trêmulo, [...] Coragem, Ângela, comece sem ligar para nada (LISPECTOR, 1999, p.36).

O modo de começar o seu “livro”, como o denomina o Autor, é precedido do texto introdutório, no qual é apresentado o seu plano de criação literária – incluindo a criação da personagem – adiando o início dos diários, dos quais ele se propõe a extrair fragmentos e, como veremos, a estabelecer um diálogo entre eles. Esta forma inusitada de escrever surpreende o leitor habituado à narrativa tradicional com o encadeamento perfeito de seus elementos estruturais. Clarice Lispector desnuda o processo de criação do escritor em termos metalinguísticos; não há uma narração propriamente dita, mas comentários sobre a criação literária perpassada por questionamentos sobre a linguagem: “Cada invenção minha soa-me como uma prece leiga – tal é a intensidade de sentir, escrevo para aprender” (LISPECTOR, 1999, p.19).

## 1 - (Des)Estrutura de um novo fazer literário

*Um sopro de vida* (pulsações) consagra o estilo de Clarice Lispector que, já em seus romances anteriores, fora dos moldes tradicionais da concepção de romance, rompe com a estrutura canonizada pela tradição e produz uma linguagem calcada na metáfora, na imagem, dando à palavra uma vida nova e o direito de desconcertar, de ser original: “Eu queria iniciar uma experiência e

não apenas ser vítima de uma experiência não autorizada por mim, apenas acontecida” (LISPECTOR, 1999, p.19). O seu estilo surpreende o leitor em sua ambivalência de poesia e de vida, além de revelar que: “A sua opção era a do verbo, da linguagem e nesta estava toda a sua força que se transformava em ideias ou sentimentos essenciais” (LINHARES, 1987, p.411).

A escritura de Clarice rompe com o esquema da narrativa romanesca tradicional que narra uma história, isto é, uma seqüência de acontecimentos encadeados no tempo. Sua escritura dilacera todos os padrões, confirmando que o texto literário moderno é questionador; sua proposta é a de procura da identidade, da verdade interior velada. O narrador mergulha na própria individualidade enquanto pessoa e, paralela e comparativamente, encontra-se na busca incessante do escritor quanto às questões do **fazer literário**, do processo criador. Nesta obra, o fazer literário – o ato de escrever – é ficcionalizado numa longa reflexão sobre a luta para se produzir o texto. A linguagem – a palavra – é o elemento, por excelência, mediador entre as reflexões existenciais e literárias:

Extraio meus sentimentos e palavras da minha noite absoluta.

[...]

Ângela está continuamente sendo feita e não tem nenhum compromisso com a própria vida nem com a literatura nem com qualquer arte, ela é desproposital.

[...]

Faço o possível para escrever por acaso. Eu quero que a frase aconteça. Não sei expressar-me por palavras. O que sinto não é traduzível. Eu me expresso melhor pelo silêncio. Expressar-me por meio de palavras é um desafio. Mas não correspondo à altura do desafio. Saem pobres palavras. E qual é mesmo a palavra secreta? Não sei e porque a ousar? Só não sei porque não ousar dizê-la? (LISPECTOR, 1999, p.35).

O estilo de Clarice Lispector prioriza a reflexão sobre o ato narrativo e a arte de escrever, pois várias são as manifestações sobre

o escrever, sobre o lidar com a palavra, revelando a consciência do escritor acerca da dificuldade em ser original e criar algo de valor literário:

Se sou um escritor há muito tempo, só posso dizer quanto mais se escreve mais difícil é escrever.

[...]

Para escrever preciso não perder de vista minha pouca capacidade.

[...]

Eu perdi o meu estilo: o que considero um lucro: quanto menos estilo se tiver, mais pura sai a nua palavra (LISPECTOR, 1999, p.83).

Há, no conjunto das obras de Clarice Lispector, uma preocupação voltada para o ato da experiência literária e, em *Um sopro de vida* (pulsações), esta experiência é atada ao diálogo, um diálogo do Autor consigo mesmo e com sua imagem e semelhança – a escritora Ângela – e com sua obra e seus leitores, experiência esta perpassada pelo escrever enquanto ação criativa, em que se configura um embate do escritor com a palavra:

Autor – [...] Ângela é apenas um significado. Significado solto? Ela é as palavras que esqueci (LISPECTOR, 1999, p.58).

Mas o pior é que já está gasto o pensamento da palavra. Cada palavra solta é um pensamento grudado a ela como unha e carne (LISPECTOR, 1999, p.72).

Eu escrevo por intermédio das palavras que ocultam outras – as verdadeiras. É que as verdadeiras não podem ser denominadas. Mesmo que eu não saiba quais são as ‘verdadeiras palavras’, eu estou sempre aludindo a elas (LISPECTOR, 1999, p.74).

O resto são palavras vazias, elas também esporádicas.

Tentativa de sensibilizar a língua para que ela trema e estremeça e meu terremoto abra fendas assustadoras nessa língua livre – mas eu preso e

em processo de que não tomo consciência e ele segue sem mim (LISPECTOR, 1999, p.87).

Uma palavra é a mentira de outra (LISPECTOR, 1999, p.88).

O modo de criação de Clarice Lispector na obra exige a integração do leitor, que nele é incluído pelo Autor, como se este fosse compelido a acrescentar na obra a sua contribuição de criação: o sopro vital é passado para a frente:

Como eu ia dizendo: foi Deus que me inventou. Assim também eu – como nas olimpíadas gregas os atletas que corriam passavam para a frente o archote aceso – assim também eu uso o meu sopro e invento Ângela Pralini e faço-a mulher.

[...]

Essa necessidade de fluir, ah, jamais parar de fluir. Se parar essa fonte que em cada um de nós existe é horrível.

[...]

Cada um de nós é o segredo da vida e um é o outro e outro é um.

[...]

Quem és tu que me lês? És o meu segredo ou sou eu o teu segredo? (LISPECTOR, 1999, p.73-74)

Clarice Lispector chamou de “pulsões”, segundo Linhares (1987), os fragmentos ou sensações dos quais a sua vida era feita. Vemos em todo o texto sensações e impressões fragmentárias do Autor, personagem-escritor, e de Ângela Pralini, a sua criação, com quem o seu criador trava um diálogo. Ambos os escritores produzem trechos soltos, fragmentados, porém, centrados na linguagem, na busca da suficiência para dizer o pensamento:

Sinto que não estou escrevendo ainda. Pressinto e quero um linguajar mais fantasioso, mais exato, com maior arroubo, fazendo espirais no ar (LISPECTOR, 1999, p.16).

Autor – Quando eu era uma pessoa, e ainda não um rigoroso pleno de palavras, eu era mais incompreendido por mim. Mas era-me aceito na totalidade. Mas a palavra foi aos poucos me desmistificando e me obrigando a não mentir. Eu posso ainda às vezes mentir para os outros (LISPECTOR, 1999, p.40).

Eu passo pelos fatos o mais rapidamente possível porque tenho pressa. A meditação secretíssima me espera. Para escrever eu antes despojo das palavras. Prefiro palavras pobres que restam (LISPECTOR, 1999, p.43).

Ivo Luchesi (1987) reconhece na obra o amadurecimento de certo modo de trabalhar a matéria ficcional, no qual uma nova realidade é fundada pelas palavras:

É sim uma prática literária cujo princípio consiste na liberação de todas as forças responsáveis pelo conhecido e pelo mistério de que se reveste o ato criador. É o confronto entre o que é e o que pode ser. Nesta perspectiva, a realidade exterior contribui tão-somente com o mínimo indispensável. De resto, é apenas o enfrentamento do ato criador com a essência mágica das palavras. (LUCHESE, 1987, p.50).

No conjunto da sua obra, a atitude de Clarice Lispector diante do mistério da linguagem e do anseio de criar literariamente, tem sido a de buscar a palavra que corresponda à angústia do escritor, do criador, que responda às perguntas sem respostas; é a busca por uma revelação que acaba por dar à palavra um estado de sacralização intertextual com a revelação divina bíblica: “No começo só havia a ideia. Depois o verbo veio ao encontro da ideia. E depois o verbo já não era meu: me transcendia, era de todo o mundo, era de Ângela” (LISPECTOR, 1999, p.30).

A procura da linguagem implica a consciência da busca, elucidada pela propriedade da linguagem, na literatura, de levar à reflexão sobre ela mesma. Em *Um sopro de vida* (pulsações), Clarice

persegue um modo novo e verdadeiro de escrever, incluindo neste processo a crítica severa a si mesma e ao que vai escrevendo. É mais uma vez, este papel se repete no personagem Autor que se mostra insatisfeito com o que escreve e critica a escritura de sua personagem-escritora, Ângela:

Autor – As palavras de Ângela são antipalavras: vêm de um abstrato lugar nela onde não se pensa, esse lugar escuro, amorfo e gotejante como uma primitiva caverna. Ângela, ao contrário de mim, raramente raciocina: ela só acredita (LISPECTOR, 1999, p.37).

Autor – Eu não escrevo como Ângela. Não só não tenho prática como sou mais sóbrio, não me derramo escandalosamente. E não uso adjetivos senão raramente (LISPECTOR, 1999, p.56).

A linguagem de Clarice Lispector se estrutura no constante vaivém de indagações não respondidas; ela pretende tecer a sua escritura no momento em que se lê, envolvendo o leitor nessa realização literária; ela quer presentificar o ato de escrever e para isso todos os verbos de seu livro estão no tempo presente:

Eu não faço literatura: eu apenas vivo ao correr do tempo (LISPECTOR, 1999, p.16).

Este é um livro de não memórias. Passa-se agora mesmo, não importa quando foi ou é ou será esse agora mesmo (LISPECTOR, 1999, p.35).

Todas as palavras aqui escritas resumem-se em um estado sempre atual que eu chamo de ‘estou sendo’ (LISPECTOR, 1999, p.75).

Clarice Lispector, ao ficcionalizar o fazer literário, cria uma realidade onde o escritor é fruto dessa criação; a obra e o escritor, ambos são resultados de uma realidade inventada e duplamente criadora: o escritor, à medida que vai sendo criado, também se torna

criador de uma obra dentro dessa nova realidade. Assim transcorre o processo de criação do personagem-escritor, o Autor, que se constrói ao construir a personagem Ângela. O Autor tem, no processo de escritura, a chance do conhecimento, o que se afirma no desejo de busca da verdade, sabendo ele que esta verdade não se limita ao existir, nem à realidade circunstancial, pois esta se encontra esvaziada de sentido; assim, sua preocupação se concentra na linguagem e, como um compromisso, persegue a “revelação do segredo que se encontra por detrás das palavras” (LUCHESE, 1987, p.51). É assim que emerge do ato criador a personagem Ângela – nome de origem grega cujo significado se volta para “notícia, anúncio; em sentido metafórico: aquele que trará a mensagem, a verdade procurada” (LUCHESE, 1987, p.52) – símbolo do poder da criação que o Autor deseja libertar. Nasce, então, uma tensão gerada pela ambivalência de Ângela: ela é matéria-prima com que ele procura modelar o discurso ficcional, é a fonte geradora que comanda seu processo criador. As relações entre autor e personagem se tornam tensas, pois ele é a razão e ela, a emoção, a sensibilidade:

Autor – O que escrevo é um trabalho intenso e básico, tolo como certas experiências inúteis por não colaborarem com o futuro. O que Ângela escreve é de um supérfluo essencial porque à sua vida mesmo supérflua se segue uma liberdade para a frente e para trás: enquanto eu Ângela é sempre agora. A um agora segue-se outro agora e etc. e tal (LISPECTOR, 1999, p.112).

A linguagem de Clarice Lispector envereda pelo mistério que é o ato de escrever e criar alguma coisa, abrindo um novo caminho na busca do seu ato criador. Este caminho novo se concretiza na forma escolhida para estruturar o “livro”: o diálogo, que se torna também, objeto de reflexão. Fica estabelecida uma espécie de conversa em silêncio entre o Autor do livro e a sua personagem Ângela, surgindo daí um relacionamento em que ora os dois seres se equivalem e se superpõem, ora se apresentam um pelo outro,

gerando um movimento de harmonia entre o racional/pensar/Autor e o emocional/sentir/Ângela:

Tenho necessidade, na minha solidão, de confiar em alguém e por isso fiz Ângela nascer: quero manter diálogo com ela. Mas acontece que (...) notei que meu diálogo com Ângela é diálogo de surdos: um diz uma coisa e o outro diz sim a coisa diversa, e venho eu dizendo não, e vejo Ângela nem sequer me contradizer. Cada um de nós segue o seu próprio fio da meada, sem ouvir muito o outro (LISPECTOR, 1999, p.83).

Ângela – Quem me dera, porém, que eu não tivesse esse desejo errado de escrever. Sinto que sou impulsionada. Por quem? (LISPECTOR, 1999, p.95).

No movimento que então se instaura, no intercâmbio oscilante entre autor e personagem, toda a experiência de uma criação se expõe mais nitidamente, porque a linguagem é o seu trilho. Através do Autor, que tem muito de Ângela, que tem muito de Clarice, nos vem o “sentir” e o “pensar”, mas um pensar que não existe independente do sentir, pois juntos permitem a linguagem criadora do artista:

Autor – Parece-me que só sou sensível e alerta na recordação. Quase que vivo, pois, no passado por não reconhecer a espécie de riqueza do momento atual. [...] Inclusive estou tentando e conseguindo esquecer-me de mim mesmo, de mim minutos antes, de mim esqueço o meu futuro. Sou nu.

Ângela – Quando me pergunto se o futuro me preocupa, respondo atônita ou fazendo-me de fingida: o futuro? Mas que futuro? O futuro não existe (LISPECTOR, 1999, p.143).

O processo criador da personagem-escritora se revela à medida que as relações entre Autor e Ângela mudam e se tornam mais tensas. O perfil de Ângela se define em confronto com o perfil

do Autor. Podemos enumerar os aspectos relativos à criação e à convivência entre eles, a começar pelo projeto de sua invenção. Após confessar a natureza do livro: “Este livro á sombra de mim” (LISPECTOR, 1999, p.13), o Autor apresenta a primeira ideia sobre a criação de um personagem em projeto: “cada projeto novo causa espanto: meu coração está espantado. É por isso que toda a minha palavra tem um coração onde circula sangue” (LISPECTOR, 1999, p.17). A sua decisão de criar uma personagem como parte de uma nova realidade, faz com que dê corpo e alma à Ângela: “O resultado disso tudo é que vou ter que criar um personagem” (LISPECTOR, 1999, p.19). Mas, o que parecia ser separado de si mostra-se, mais adiante, como seu próprio reflexo: “Mas meu reflexo não estava num espelho, mas refletia uma outra pessoa que não eu.[...] inventei Ângela como meu próprio reflexo?” (LISPECTOR, 1999, p.27). As meditações sobre o ato criador do escritor se intensificam: “Para criá-la eu tenho que arar a terra” (LISPECTOR, 1999, p.27). A personagem criada pelo Autor é, na verdade, o seu outro lado: “É por atrevimento que Ângela existe em mim” (LISPECTOR, 1999, p.28), e o propósito de sua criação vem à tona: “Não é fácil lidar com Ângela, a mulher que inventei porque precisava de um fac-símile de diálogo” (LISPECTOR, 1999, p.28). Entanto, consciente de sua criação, o Autor prevê a tensão a existir: “Criar um ser que me contraponha é dentro do silêncio” (LISPECTOR, 1999, p.29). Ângela, sendo feita de palavras, leva o Autor a questionar o papel dela: “Ou é a metade viva de mim? Ângela é mais do que eu mesmo. Ângela não sabe que é personagem” (LISPECTOR, 1999, p.29), e chega à confissão de que “Ângela é tudo o que eu queria ser e não fui” (LISPECTOR, 1999, p.30). A possibilidade do diálogo surge, então: “Será que eu criei Ângela para ter um diálogo comigo mesmo?” (LISPECTOR, 1999, p.31).

As oposições entre os dois seres ficam mais nítidas desde o início do diálogo, quando as tensões são geradas: “Eu vivia bem com ela. Mas ela começou a me inquietar...” (LISPECTOR, 1999, p.35). A partir daí o diálogo será constituído de fragmentos: “Eu

escrevo um livro e Ângela outro: tirei de ambos o supérfluo” (LISPECTOR, 1999, p.35). O acento recai sobre o ato de escrever; de forma crítica e reflexiva, o fazer literário do Autor e o de Ângela constituem o tema do diálogo: “Vejo que Ângela não sabe como começar. [...] Aconselho-a a falar mais facilmente sobre fatos? Vou ensiná-la a começar pelo meio” (LISPECTOR, 1999, p.36). Mas, a comunicação entre eles vai se tornando mais difícil, mais fragmentada: “Ei-la falando como se fosse comigo mas fala para o ar e nem sequer para si mesma” (LISPECTOR, 1999, p.38); a personagem quer sua liberdade, sua autonomia: “Eu sou individual como um passaporte” (LISPECTOR, 1999, p.43), e o Autor reconhece que não pode domar Ângela, pois ela é a emoção, a sensibilidade que se opõe à razão, ao raciocínio que ele detém em si: “Tentar possuir Ângela é como tentar desesperadamente agarrar no espelho o reflexo de uma rosa” (LISPECTOR, 1999, p.47). No entanto, a identificação entre eles vai se construindo, pois o mesmo pensamento sobre o escrever, apresentado pelo Autor nas páginas iniciais: “O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever” (LISPECTOR, 1999, p.16), fica expresso de forma conclusiva sobre Ângela: “Ela acha que parar de escrever é parar de viver” (LISPECTOR, 1999, p.50), mostrando a integração dos dois aspectos de um mesmo ser. Mas, Ângela não se submete ao seu criador; ela evolui a ponto de escrever seu próprio livro e apresentar um projeto de criação literária independente de seu autor: “Ela é um personagem tão autônomo que se interessa por coisas que a mim autor não dizem respeito. Observo-a escrevendo sobre objetos. É um livre-estudo no qual não tomo parte” (LISPECTOR, 1999, p.102). A personagem vai se libertando.

A autonomia solicitada por Ângela, porém, não interfere no projeto ficcional do Autor de estabelecer, com sua criação, um diálogo: “Eu e Ângela somos o meu diálogo interior – eu converso comigo mesmo” (LISPECTOR, 1999, p.61). Esta mesma frase é repetida à página 73, como uma afirmação para o leitor do propósito do diálogo substituir o monólogo interior. Porém, o que

se realiza é “diálogo de surdos”: “Eu luto por manter meu estilo qualquer que seja e que os críticos ainda não depuraram – Ângela luta por criar um modo próprio de se expressar” (LISPECTOR, 1999, p.84). Porém, a diversidade encaminha para a identidade, pois se trata do mesmo ser. O diálogo, formado com fragmentos dos diários, atinge um ponto de completa identificação, podendo esta ser confirmada pela repetição das mesmas palavras e expressões num e noutro diário:

Ângela – Para que existo? E a resposta é: a fome me justifica.

Autor – Para que existo? E a resposta é: a fome me justifica (LISPECTOR, 1999, p.147).

Autor – [...] Sinto que há um dedo que me aponta e me faz viver à beira da morte. Dedo de quem?

Ângela – Sim. Um dedo sangrento me aponta. Estremeço. Será o dedo da morte? (LISPECTOR, 1999, p.151).

Antes mesmo de ser criada, Ângela já tinha existência, ao ter um nome, apesar da “tarja sobre o rosto que lhe esconde a identidade”, que será retirada “à medida que ela for falando” (LISPECTOR, 1999, p.27); ela estava criada mentalmente no projeto do Autor, que relata a sua criação à luz e à imagem da forma criativa bíblica de Deus: o homem/Ângela esculpido do barro/pedra de encosta recebe o sopro vital e torna-se um ser vivente.

Esta forma de criar o personagem e deixá-lo evoluir é, ao mesmo tempo, o processo de criar e se criar do escritor, forma enovelada a uma linguagem que produz uma obra que, por sua vez, produz reflexividade sobre a criação literária.

## **2 - *Mise-en-abyme*: o confronto de si no personagem escritor**

Clarice se utiliza do espaço do texto para promover a auto-reflexividade da literatura, ou seja, em metalinguagem refletir sobre

si mesma, dando corpo à consciência criadora. Esse processo de *mise-en-abyme*<sup>2</sup> tem na técnica do encaixe uma das formas de se realizar. Em *Um sopro de vida* (*pulsações*), vemos o encaixe se desenrolar sob dois elementos: a réplica dos personagens-escritores e os livros de ambos, Autor e Ângela, inseridos na obra, pois *mise-en-abyme*, segundo Dallenbach (1979, p.18), e “todo fragmento textual que mantém uma relação de semelhança com a obra que o contém”, duplicando o processo de criação e inserindo uma história/livro dentro da primeira história/livro.

A opção de Clarice Lispector pelo encaixe, ou seja, a inclusão de um livro no interior de outro, realiza-se em aspecto triplo, pois temos o livro de Clarice Lispector que inclui o livro do Autor que, por sua vez, inclui o livro de Ângela. A relação entre estas criações literárias se firma sob a forma especular, do reflexo do espelho, que reproduz a imagem de Clarice no Autor e em Ângela, ao mesmo tempo. Podemos considerar a criação do personagem de Ângela, como o reflexo interior do “eu” do Autor que, buscando a diferença em si, vai revelar ao leitor as inquietações, as meditações sobre o escrever, sobre o ato criativo e sobre si mesmo no mundo e sobre as coisas do mundo. O livro do Autor é, assim, estruturado sob a forma de um diálogo estabelecido entre autor e personagem, intermediado pelos trechos dos dois diários íntimos; o livro de Ângela é transcrito, dentro deste esquema, por capítulos, na terceira parte de *Um sopro de vida* (*pulsações*). A feitura dos dois livros é comentada e criticada nos trechos metarreflexivos de ambos.

Nesse processo vemos o mostrar-se de Clarice Lispector, num jogo de revelações do personagem Autor muito afins com a personalidade de Clarice Lispector que, talvez naquela fase de sua vida em que *Um sopro de vida* (*pulsações*) foi escrito, desejasse mostrar-se ao seu público, discutindo, no textual, certos mistérios de seu estilo de criar. Clarice reduplica a imagem do ser escritor como artifício ficcional para registrar as críticas e auto-críticas da escritora, dando voz às suas inquietações, dotando a obra “de uma estrutura forte, de assegurar melhor sua significação, de fazê-la

dialogar consigo mesma” (DALLENBACH , 1979, P.76), em reflexividade interna, em que o projeto e a trama são escancarados ao leitor. A presença de Clarice Lispector ou a sua “sombra” (LISPECTOR, 1999, p.13) pode ser presentida em várias passagens de qualquer um dos dois livros: do Autor ou de Ângela, percebidas nos lastros dialógicos com outras obras suas:

O objeto – a coisa – sempre me fascinou e de algum modo me destruiu. No meu livro *A cidade sitiada* eu falo indiretamente no mistério da coisa. Coisa é bicho especializado e imobilizado. Há anos também descrevi um guarda-roupa. Depois veio a descrição de um imemorable relógio chamado Sveglia: relógio eletrônico que me assombrou e assombraria qualquer pessoa viva no mundo. Depois veio a vez do telefone. No ‘Ovo e a Galinha’ falo guindaste. É uma aproximação tímida minha da subversão do mundo vivo e do mundo morto ameaçador (LISPECTOR, 1999, p.104-105).

A voz de Clarice Lispector ressoa em toda a obra, ela se deixa ser ela mesma como escritora, mesmo nos subterrâneos da ficção. Em *Um sopro de vida* (pulsações) ela ficcionaliza o ser do escritor – ela mesma – nas duas imagens que se refletem, se completam, se questionam: o Autor e Ângela, seu espelho: “No entanto ela me é eu” (LISPECTOR, 1999, p.37). O processo de reflexão ganha dimensão mais profunda pelo desdobramento do personagem escritor que, também, vive – e revela – o ato criador, reduplicando as reflexões em *mise-en-abyme*.

Outros traços deixam-nos entrever a própria Clarice Lispector assumindo o disfarce, a máscara do Autor e também de Ângela, num desdobramento de si mesma: o cachorro chamado Ulisses, nome de seu verdadeiro cachorro: “Nem eu nem Ulisses mordemos” (SV, p.69); e até mesmo o nome da personagem Ângela Pralini, personagem criada por Clarice em *Onde estivestes de noite* (1974), livro a que ela faz referência indireta: “Pergunto-te em que reino estivestes de noite” (LISPECTOR, 1999, p.108).

Este modo de construção literária refletida abissalmente, *mise-en-abyme*, ou reprodução em abismo, como “espelho interno que reflita a narrativa por reduplicação<sup>3</sup> simples, ao infinito ou paradoxal” (DALLENBACH, 1979, p.52), forma, em *Um sopro de vida* (*pulsações*), um complexo especular em que, mais do que um espelho fiel à imagem, há um acréscimo nas revelações do ser de Clarice Lispector enquanto escritora. Pela representação abissal, pela brecha que se abre na estrutura tradicional da narrativa, a composição oferece ao escritor recursos ilimitados para traduzir novas realidades e para tomar consciência do real.

A produção de *Um sopro de vida* (*pulsações*) assimila a relatividade e a subjetividade dos elementos, rompendo com eles, destruindo as categorias da tradição narrativa e levando o leitor a participar da própria experiência dos personagens-escritores no processo de ficcionalização do personagem, de apreensão do fluxo do tempo em sua unidade mínima – o instante – e da composição do livro. O assunto dos livros do Autor e de Ângela é destituído de conteúdo apreensivo sequencial e logicamente, como convencionalmente é definido, mas é composto de fragmentos emocionais da pessoa e do escritor, e da apreensão de objetos, percebidos como desejos e angústias, abarcando a ansiedade em relação ao tempo que consome a vida – é a radicalização do monólogo interior em forma de diálogo consigo mesmo, ficcionalizado na imagem de seu espelho: “Eu sou o meu próprio espelho” (LISPECTOR, 1999, p.65).

Os fragmentos dos livros do Autor e de Ângela, encaixados em *mise-en-abyme* na narrativa nuclear, tem autonomia e não empobrecem a obra literária, pois não são repetições, ao contrário, promovem o aprofundamento da reflexividade, uma vez que são formas tensas e diferentes de abordar e questionar o mesmo conteúdo: o fazer literário.

O monólogo interior se estrutura como um discurso dialógico que exprime, na voz das personagens, o pensamento mais íntimo, mais próximo do inconsciente. Numa linguagem mais direta, Clarice

faz confissões de seu estado de espírito fazendo uso de dois recursos: o diário íntimo e a criação do personagem-narrador Autor, no qual o leitor não pode fiar-se inteiramente, pois Clarice pode escamotear o leitor, enganá-lo, despistando o caráter autobiográfico da obra:

Eu sei que este livro não é fácil, mas é fácil apenas para aqueles que acreditam no mistério. Ao escrevê-lo não me conheço, eu me esqueço de mim. Eu que apareço neste livro não sou eu. Não é autobiográfico, vocês não sabem nada de mim. Nunca te disse e nunca te direi quem sou. Eu sou vós mesmos (LISPECTOR, 1999, p.20).

Este é um livro de não memórias (LISPECTOR, 1999, p.35).

Não obstante, a própria Clarice Lispector assume a sua duplicidade: “No meu livro *A cidade sitiada* eu falo...” (LISPECTOR, 1999, p.104). O diário íntimo permite à autora registrar as suas percepções, sensações e impressões sobre o seu ser, o seu estado d’alma diante **do** e **no** mundo. O diálogo travado entre os dois diários é estruturado pela seleção dos trechos feita pelo Autor. Tais trechos, mesmo que fragmentários, revelam uma relação especular, da imagem do espelho, do reflexo do eu no outro, que veicula o especular aprofundamento crítico da própria narrativa, do ato criador, da linguagem literária. A essência deste diálogo fragmentado reside no silêncio, no desencontro entre o “pensar” (Autor) e o “sentir” (Ângela) que, no entanto, unem-se em simbiose ao final do processo.

A estruturação especular de *Um sopro de vida* (pulsações), com dupla reflexividade – a de Clarice Lispector no Autor e em Ângela, e a da própria narrativa – revela a tendência da literatura contemporânea de preocupação com o debruçar-se sobre si mesma; e Clarice Lispector o faz criticamente confrontando os padrões convencionais e desmascarando o fazer literário e o papel da linguagem:

Um fato. O que é que se torna fato? Devo-me interessar pelo acontecimento? Será que desço tanto a ponto de encher as páginas com informações sobre os ‘fatos’? Devo imaginar uma história ou dou largas à inspiração caótica? Tanta falsa inspiração. E quando vem a verdadeira e eu não tomo conhecimento dela? Será horrível demais querer se aproximar dentro de si mesmo do límpido eu? (LISPECTOR, 1999, p.15).

Para Clarice Lispector a invenção da personagem deve-se desviar dos moldes padronizados: “vou ter que criar um personagem – mais ou menos como fazem os romancistas” (LISPECTOR, 1999, p.19); a crítica ao enredo é feita sob a perspectiva irônica: “Autor – Ângela, se controle para não escrever uma história lacrimogênica de um rapaz pobre com sua mãe morta” (LISPECTOR, 1999, p.110); o enredo convencional é também criticado em referência à facilidade de narrar acontecimentos da vida da personagem: “quase sucumbo à lei da facilidade. Controlo-me para não contar os acontecimentos da vida de Ângela. Mais cairia no descritivo e discursivo e isso me causaria tédio e queda” (LISPECTOR, 1999, p.153); o estilo de época que impõe normas à palavra literária é renegado: “Eu perdi o meu estilo: o que considero um lucro: quanto menos estilo se tiver, mais pura sai a nua palavra” (LISPECTOR, 1999, p.83). Enfim, a ruptura com esquema padrão da narrativa tradicional, além de ser claramente percebida, é admitida e apresentada em tom de alerta crítico ao leitor; não havendo nenhuma fixidez quanto às partes – início, meio e fim:

Já li este livro até o fim e acrescento alguma notícia neste começo. Quer dizer que o fim, que não deve ser lido antes, se emenda num círculo ao começo, cobra que engole o próprio rabo. E, ao ter lido o livro, cortei muito mais que a metade, só deixei o que me provoca e inspira para a vida: estrela acesa ao entardecer (LISPECTOR, 1999, p.21).

A posição especular condicionada pela consciência reflexiva (da indagação, do questionamento) da própria narrativa,

da criação literária e da linguagem, constitui a metaficção literária tão singular à Clarice Lispector, mas reflete também o eu do Autor, que traduz a própria Clarice Lispector, na simultaneidade da escritura dos livros e na articulação constante dos aspectos de identidade e diferença.

Esse espelho em *Um sopro de vida* (pulsações) reflete o outro de Clarice no Autor, não apreendido naturalmente, pois ele é “lógico e geométrico”, e em Ângela que é “intuitiva” (LISPECTOR, 1999, p.44-46). O processo refletor da produção do livro de cada um reforça a relação especular: são duas escrituras que se aproximam, com base na linguagem. No decorrer da narrativa, a diferença inicial entre o Autor/pensar e Ângela/sentir tende a se diluir: “Só que meu imaginário não se faz através de ações e sim através do sentir-pensar que na verdade é sonho” (LISPECTOR, 1999, p.75); o Autor passa a assumir o discurso de Ângela, realizando-se a síntese: “Ângela – Para que eu existo? E a resposta é: a fome me justifica. Autor – Para que eu existo? E a resposta é: a fome me justifica” (LISPECTOR, 1999, p.147).

A identidade/Autor incorpora a diferença/Ângela, num encadeamento perfeito; Ângela revelou ao Autor a face oculta deste: “O que a princípio se mostrava antítese caminha em direção à síntese. A possível superioridade do criador (Autor) sobre o ser criado (Ângela) pouco a pouco se desfaz” (LUCHESE, 1987, p.55).

Clarice Lispector, ao chegar ao termo desta sua obra, dá ao Autor um encerramento semelhante ao do conto “O grande passeio” (1997), de sua autoria, no qual a personagem Mocinha, após ter andado bastante e bebido água fria de uma fonte, acomoda-se à sombra de uma árvore, recosta-se e morre, cansada e só. Ao Autor é reservado o mesmo destino: “Era um dia um homem que andou, andou e andou e parou e bebeu água gelada de uma fonte. Então sentou-se numa pedra e repousou o seu cajado. Esse homem era eu. E Deus estava em paz” (LISPECTOR, 1999, p.158).

Já à Ângela é dada uma saída cinematográfica sob o olhar do Autor, o que é, na verdade, a suspensão da narrativa, deixando ao leitor a possibilidade de entrever o recomeço da busca, do questionamento sobre a condição humana no mundo: “O resto é a implícita tragédia do homem...” (LISPECTOR, 1999, p.159).

## Considerações finais

A escritura de Clarice Lispector deixa entrever nuances da literatura que sustentam a poesia tornarem-se viáveis no seu modo peculiar de escrever. O problema que envolve o ato de escrever, sintomático na produção clariceana, leva ao ato de investigação acerca do fazer literário e da apreensão do tempo. *Um sopro de vida* (pulsações) é mais que ficção, é também o resultado de uma consciência de leitura, do processo da criação e da própria palavra literária.

A palavra é o elo entre o pensamento do escritor e a ação do leitor; pela linguagem, elemento de efetivação da literatura, se constitui a obra enquanto criação de algo pela palavra. *Um sopro de vida* (pulsações) é a expressão da consciência de Clarice Lispector sobre a luta a que o escritor se lança, sem receio das consequências, em busca do alcance do objeto a ser criado: o livro.

A narrativa em primeira pessoa sobrepõe um aspecto que consideramos um inesgotável caminho a percorrer, na tentativa de melhor penetrar no mundo simbólico, crítico e reflexivo que Clarice Lispector criou, cheio de especulações íntimas e caracterizadoras da personalidade do Autor e de Ângela (ou seria dela mesma?), que se dizem personagens, mas, ao que deduzimos, são uma justificativa para a presença da escritora Clarice Lispector em todo o ato criador desenrolado em *Um sopro de vida* (pulsações), que flui sob as rédeas da própria Clarice, injetado de elementos subjetivos reveladores do confronto de si mesma.

Clarice Lispector busca obsessivamente apreender o ato de escrever, procura ver-se como escritora que, no outro/Autor/Ângela, reflete um desdobramento do seu próprio eu, por semelhança ou antítese, capta o seu avesso, ao empenhá-los na mesma atividade produtiva de um livro.

O leitor é reclamado pelo processo de incessante cifração e recifração de significados instaurado no todo da obra e alimentado pelas constantes interrogações, numa espécie de jogo de perguntas sem respostas prontas.

Clarice Lispector escreve com paixão e mistério; suas palavras são o “sentir” e o “pensar” de sua própria personalidade vinculada à criatividade de escritora: confluência do criador e do crítico de sua arte, leitor de si mesmo e de sua obra pelo artifício inusitado do diálogo, *en-abyme*, com seus espelhos, seus duplos: o Autor e Ângela Pralini.

Enfim, no estudo de Clarice Lispector não podemos atuar com delimitações rígidas, pois é tênue a linha que demarca os limites entre realidade e ficção em *Um sopro de vida* (pulsações). Tentamos um possível delineamento do seu ato criador nesta obra de caráter altamente metarreflexivo, buscando compreensão do seu ritual de criação, da luta com a linguagem e as formas do texto que ela escreve, da busca pela palavra que seja suficiente ao seu dizer, mas que, às vezes, acaba na opção pelo silêncio, pela não-palavra.

*Um sopro de vida* (pulsações) impõe-se como uma obra que, a cada leitura, continua se fazendo; é trabalho de cultivo. Ângela, a criação literária em si, “interrompeu a vida indo para a terra. Mas não a terra em que se é enterrado e sim, a terra em que se revive. Com chuva abundante nas florestas e o sussurro das ventanias” (LISPECTOR, 1999, p.159). Este terreno frutífero é metáfora da criação literária e da leitura: campo aberto e fértil que nos foi legado por Clarice Lispector.

## Referências

- Bíblia Sagrada.** João Ferreira de Almeida.(Trad.) São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil,1993.
- DALLENBACH, Lucien. Intertexto e autotexto In: **Intertextualidades.** Trad. Clara Crablé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979, p. 51-76.
- LINHARES, Temístocles. **História crítica do romance brasileiro: 1728–1981.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987.
- LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida** (pulsações). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- \_\_\_\_. **Onde estivestes de noite?** Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- \_\_\_\_. **O primeiro beijo.** Rio de Janeiro: Rocco,1997.
- LUCHESE, Ivo. **Crise e escritura:** uma leitura de Clarice Lispector e Vergílio Ferreira. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector.** São Paulo: Quíron, 1973.
- VIEIRA, Telma Maria. **Clarice Lispector:** uma leitura instigante. São Paulo: Annablume, 1998.

## Notas

<sup>2</sup> A expressão *mise-en-abyme* foi cunhada por Andre Gide em 1893, no Jornal (DALLENBACH, 1979, p.15-17).

<sup>3</sup> Dallenbach (1979, p.51) organiza as especularidades em três grupos segundo os critérios de similitude e redução.